



**Tribunal de Justiça
do Estado do Maranhão**

CLIPPING IMPRESSO

13/01/2019

INDICE

1. ASSESSORIA	
1.1. JORNAL PEQUENO.....	1 - 2
2. PLANTÃO NO TJMA	
2.1. JORNAL O DEBATE.....	3

Bate Rebate

PLANTÃO



O desembargador Raimundo Barros é o plantonista de 2º Grau da Justiça estadual até hoje, período em que serão recebidas apenas demandas urgentes, nas esferas Cível e

Criminal, incluindo pedidos de habeas corpus, mandados de segurança, medidas cautelares (por motivo de grave risco à vida e à saúde das pessoas), decretação de prisão provisória, entre outros.

Justiça & Cidadania



Antonio Carlos

acaroslua@folha.com.br

Protesto contra os descaminhos da República

No dia 13 de março de 1888, a Princesa Isabel se preparava assinar, em praça pública, a Lei Áurea. Entre as pessoas que comemoravam a abolição estava o menino negro, Lima Barreto, que, aniversariando naquela data, olhava uma multidão de escravos aguardando a liberdade. Anos depois, essas recordações marcaram a sua obra como escritor e jornalista, quando ele se contrapôs à versão da “história oficial”, afirmando que, mais uma vez, os negros foram objetos, e não sujeitos, de sua própria história, quando uma “bondosa” princesa os libertou da escravidão.

Como jornalista e escritor, Lima Barreto mostrou que a verdadeira história – a que não se conta – é bem outra, e inclui séculos de lutas pela liberdade, com milhares de quilombos colocados em pé contra a tirania escravocrata, assassinatos, fugas, entre mil outras formas de combate e resistência.

Em sua heroica e ininterrupta luta, Lima Barreto deu uma contribuição fundamental à literatura e à imprensa, apesar do imenso racismo contra ele, quando denunciou, como jornalista, as injustiças sociais e apontou as dificuldades das primeiras décadas da República.

Logo no começo da carreira na imprensa, já dizia que o jornalismo, pelas exigências do imediatismo, jamais poderia está calcado na superficialidade, ou seja, que nem tudo que é provável pode ser considerado verdadeiro. O entendimento de Lima Barreto era de que a notícia é um produto que, da mesma forma que o pão comprado diariamente na padaria, necessita estar com todo frescor que se exige ou que se espera, com o jornalista cartografando o dia a dia, destrinchando-o para o leitor sequioso da realidade. Já com relação à literatura, ele falava sua missão era fazer umas almas se comunicarem com as outras, contribuindo para o perfeito entendimento entre elas, ligando-as mais fortemente, reforçando, assim, a solidariedade humana, fazendo com que as pessoas se entendessem melhor, no único intuito de sua felicidade. O ponto intermediário entre o escritor e o jornalista drenou e selecionou as marcas da trajetória de Lima Barreto, cuja obra é indispensável a quem se propõe estudar o jornalismo no Brasil na Primeira República.

Com as barreiras do preconceito racial, do seu alcoolismo, da falta de reconhecimento literário, dos poucos rendimentos financeiros e da loucura que marcou a sua luta pela sobrevivência, colocou em seus ombros o peso da humanidade, fardo que os jornalistas e escritores são obrigados também a carregar diante dos incontáveis desafios.

Lima Barreto vivenciou esse momento e como jornalista procurou sentir o que realmente se desenhava na alma brasileira, estendendo seu olhar perspicaz sobre tudo que afetava a vida da sociedade. Foi quando o escritor deu vez ao seu talento como jornalista para expressar sua indignação. O jornalista, por sua vez, também cedeu espaço para o escritor colocar seu trabalho em prol daquilo que acredita ser correto. Dessa forma o jornalismo e a literatura se entrelaçaram na vida de Lima Barreto, para fazer o leitor pensar e agir pondo em movimento suas inquietações e reivindicações. Mesmo que jornalismo e literatura se bifurquem em alguns pontos, criando afluentes que originam áreas que lhe são próprias, é impossível ignorar suas ligações. Ninguém melhor do que Lima Barreto para afirmar isso com sua obra, reunindo o que está disperso no jornalismo e na literatura.

Entre tantas decepções sociais na vida de Lima Barreto, a segunda recusa da Academia Brasileira de Letras a seu nome, nem chegou, na verdade, a surpreendê-lo. Tanto a candidatura como a sua derrota remetem à posição ambígua do escritor em relação ao establishment, ao qual ele pertencia de alguma maneira, estando ao mesmo tempo à margem. Apesar de lhe concederem uma certa projeção como jornalista e escritor, as instituições culturais o mantinham à distância, ao passo que ele, mesmo parodiando-as e ridicularizando-as, nunca deixou de esperar um reconhecimento oficial. Suas críticas à Academia Brasileira de Letras foi justamente o que levou seus membros a recusar o seu ingresso naquela casa de cultura, por entenderem que o seu modo de pensar, estilo de vida e de escrita não correspondiam à imagem de um escritor *comme il faut*, respeitador das conveniências, digno do prestígio da categoria e merecedor de consagração.

O interessante é que hoje os escritores que consideravam Lima Barreto indigno de ingressar em seu ilustre círculo, em 1919, caíram em absoluto esquecimento. Enquanto isso, os livros e antologias de contos do antigo subversor e outsider Lima Barreto podem ser encontrados em qualquer livraria ou biblioteca, principalmente “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, romance que transcende o âmbito estritamente literário, sendo uma daquelas obras indispensáveis para o Brasil compreender a si mesmo. Com a publicação do “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, Lima Barreto foi bastante discutido e celebrado como redescobridor do país no ano 2000, por ocasião da comemoração dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil pelo navegador português Pedro Álvares Cabral. O romance – publicado em série no folhetim do ‘Jornal do Commercio’ – mal foi levado em consideração pela crítica, recebendo, porém, aprovação unânime nos anos de 1915 e 1816, ao ser lançado como livro.

Seu primeiro livro – “Memórias do Escrivão Isaías Caminha” – traça uma radiografia da sociedade brasileira, com um detalhado quadro do jornalismo e de suas reverberações na vida das pessoas. O romance é uma passarela na qual desfilam os mais variados tipos envolvidos com a prática jornalística. O livro mostra a rapidez de pensamento de Lima Barreto como escritor e como jornalista. Aliás, a palavra jornalista é a que define a sua profissão no registro de entrada no Hospício Nacional do Rio de Janeiro, em 1919, quando ele lutava contra o alcoolismo e os fantasmas da própria loucura.

Sempre criticou ao racismo, bem como as outras ideologias dominantes da época, como o positivismo de Augusto Comte, inspirador da República dos mares e inscrito até hoje no lema “Ordem e Progresso” da bandeira brasileira. Lima Barreto se posicionou contra os valores da classe dominante e tinha o entendimento de que literatura devia ser sincera, dando destaque aos problemas humanos e sociais, trazendo ideias, concepções de mundo.

No seu rico repertório de crônicas e artigos jornalísticos, nunca escondeu sua classe, sua cor, sua origem, enfrentando todas as adversidades colocadas em seu caminho. Mesmo tendo sido internado em um manicômio, tendo sofrido de alcoolismo, tendo morrido jovem, com apenas 41 anos, Lima Barreto deixou-nos uma obra fundamental, um marco da literatura brasileira.

Foi um jornalista em guerra com o seu tempo, enxergando melancolicamente longe. Com suas convicções e sentimentos atacava a corrupção, batia no conservadorismo dos jornais, criticava a obsessão das elites por estrangeirismos e clamava por uma literatura de combate que incomodasse os poderosos.

Boêmio, foi devorado pelo álcool, bebendo e escrevendo, escrevendo e bebendo. Morreu pela língua e pela pena, sem calcular nada, agindo sempre pelo coração, por impulso, por emoção, por instinto, por vocação. Não se censurava, sendo sempre direto e implicante, não deixando escapar nenhuma oportunidade de denunciar os desmandos sociais, dando valor à radical veracidade do que ao refinamento de linguagem e composição.